

O JORNALISMO E A MULHER: ANÁLISE DO DISCURSO DOS ATAQUES DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA EM 2020 ÀS MULHERES JORNALISTAS¹

Isadora Zarbato Mateus²

Resumo: No presente artigo serão analisados trechos de lives do presidente da República, divulgadas em redes sociais citando jornalistas mulheres, que foram reunidas em um relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em 2020. Com o objetivo de analisar se os ditos no discurso do presidente da República levam ao efeito de sentido de mostrar preconceito contra as mulheres em geral, ao atacar jornalistas em particular, e se apresentam o sentido de uma intimidação e crítica ao jornalismo em geral. O método de pesquisa adotado no presente trabalho científico é a pesquisa qualitativa, através da técnica de estudo de caso, sob a perspectiva da Análise do Discurso de orientação francesa. A pesquisa aponta que Jair Bolsonaro usa as mulheres jornalistas como alvo de retaliação contra a imprensa por considerá-las o elo mais frágil socialmente, num discurso carregado de preconceitos e conservadorismo, que autoriza e dá voz à cultura machista da sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo. Mulher. Análise do Discurso.

1. Introdução

Quando falamos em redes sociais e liberdade de expressão muito se discute sobre os seus limites. Por exemplo, até onde a liberdade de uma pessoa pode ir sem ofender outra? No Brasil, observaremos um representante federal que, supostamente, não é a favor da comunicação e dos veículos de imprensa e ataca jornalistas, principalmente mulheres, refletindo um discurso conservador, próprio da sociedade machista e patriarcal em que vivemos, apesar de alguns avanços.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Jornalismo, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pela professora Darlete Cardoso, jornalista e mestre em Ciências da Linguagem.

² Autor do Artigo. E-mail: Isadora.zarbato@gmail.com.

É comum vermos representantes políticos que usam seu poder e seu discurso para fazerem ataques, disfarçados de opinião. A Análise do Discurso busca trazer a origem dessas falas, mostrando o que nelas podem estar subentendidos.

Portanto, o tema deste trabalho é *O jornalismo e a mulher*, com foco na análise de lives, todas reunidas pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), junto com outros discursos e conversas com apoiadores no chamado ‘cercadinho’ em frente ao Palácio do Planalto postadas na internet, no canal no YouTube do presidente da República, ofendendo jornalistas mulheres. A delimitação são os discursos do presidente da República Jair Bolsonaro e a relação com as mulheres jornalistas. A jornalista Patrícia Campos Mello, por exemplo, uma das mulheres que trabalham na imprensa, sofreu inúmeros ataques:

Recebi milhares de mensagens ofensivas no Facebook, no Twitter e no Instagram. Fechei todas as minhas redes sociais. Em uma delas, o Facebook, um fulano afirmava: ‘Se você quer a segurança do seu filho, saia do país. Não é uma ameaça, é um aviso’. Manuel tinha seis anos. (MELLO, 2020, p. 13)

Imagine para uma mulher do século XXI, que trabalha, tem suas tarefas domésticas ou estuda, muitas vezes, ser ameaçada por realizar o trabalho de informar. Patrícia Campos Mello não é a única mulher que sofreu ataques bolsonaristas, segundo ela.

Não fui a primeira e serei a última mulher a sofrer ataques misóginos por fazer jornalismo no Brasil. Na segunda quinzena de janeiro de 2020, a repórter Talita Fernandes, da *Folha*, ouviu do presidente da República um ‘cala a boca’ durante uma coletiva. ‘Fora, *Folha de S. Paulo*, você não tem moral para perguntar, não. Cala a boca’ disse Bolsonaro. Ele também perguntou se Talita era casada e disse que ela fazia perguntas idiotas (MELLO, 2020, p. 86-87).

Os discursos políticos refletem o atual cenário no país. Segundo Charaudeau (2008), o discurso político não é apenas aplicação dos pensamentos pré-construídos, mas refere-se aos significados e seus efeitos. Ou seja, todo discurso tem ligação entre um campo de ação e trocas simbólicas.

Em julho de 2020, Jair Bolsonaro foi denunciado no Conselho de Direitos Humanos. O ato se refere a seus ataques contra mulheres jornalistas. No total, entidades relataram, em Genebra, 54 casos de ofensivas do governo contra as profissionais (FENAJ, 2020). Das jornalistas que aparecerão nesta pesquisa, todas sofreram violência digital por parte do presidente da República Jair Bolsonaro e seus apoiadores. Ser jornalista em um país como o Brasil já não é fácil, mas ser uma mulher jornalista piora ainda mais essa perspectiva.

Do ponto de vista de Orlandi (2005), se levarmos em conta o homem e sua história, o analista de discurso deve relacionar a linguagem à sua exterioridade. É essa relação que se pretende estudar com essa pesquisa adotando como base teórica a Análise do Discurso de perspectiva francesa.

O discurso do presidente mostra um reforço à manutenção dos velhos padrões políticos. Os ataques são, principalmente, à reputação, à credibilidade e à honra de uma jornalista e de uma mulher. Por isso, busca-se compreender como Jair Bolsonaro pode propagar a cultura machista e patriarcal através de suas redes sociais aos brasileiros.

Nesse contexto, as perguntas a serem respondidas, como problema de pesquisa, são: os efeitos de sentido no discurso de Bolsonaro refletem a sociedade machista, de acordo com a Análise do Discurso de orientação francesa? E o discurso de Bolsonaro demonstra o preconceito contra as mulheres, jornalistas ou não, levando ao sentido de uma intimidação e crítica ao jornalismo em geral nos trechos de lives coletadas?

Assim, os objetivos são analisar se os ditos no discurso do presidente da República levam ao efeito de sentido de mostrar o lado machista e patriarcal da sociedade brasileira; averiguar se os implícitos no discurso de Bolsonaro traduzem o preconceito contra as mulheres em geral, avaliando se os ataques às jornalistas mulheres, em particular, apresentam o sentido de uma intimidação e crítica ao jornalismo em geral.

O método de pesquisa adotado no presente trabalho científico é a pesquisa qualitativa, do tipo análise discursiva, tendo como perspectiva teórica a Análise do Discurso de orientação francesa, através da técnica de estudo de caso. Os objetos de estudo são falas do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, postadas em 2020, tendo como foco quatro situações em que o atual presidente ataca mulheres jornalistas, sendo elas: Patrícia Campos Mello, Eliane Cantanhêde, Vera Magalhães e Maju Coutinho. Os casos selecionados para análise foram registrados numa linha do tempo de 2020, em um documento produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que registra os ataques feitos pelo presidente aos veículos de comunicação e a jornalistas. Neste documento constam tweets e declarações em lives, entrevistas e discursos. Foi divulgado no dia 3 de maio de 2020, Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, onde foram registradas 179 agressões em quatro meses (FENAJ, 2020).

O presente artigo está subdividido em cinco sessões, destacando a Análise do Discurso trazendo os conceitos dos efeitos de sentido e o discurso político. Em seguida, trata

do jornalismo em geral, dando enfoque à mulher no jornalismo, para contribuir nos capítulos de análise e conclusões, apresentados na sequência.

2. Análise do Discurso

Quando pensamos em comunicação, pensamos em palavras que tenham sentido e que todas as pessoas as compreendam, mas uma palavra pode ter vários sentidos e ser interpretada de inúmeras maneiras. A Análise do Discurso (AD) é o campo que estuda a prática da linguagem, analisando textos e as ideologias que os produzem.

Para Orlandi (2005), a gramática é a maneira de estudar a língua em diferentes épocas, em distintas tendências e em autores diversos. Já a AD não se trata da linguagem, mas sim do discurso; procurando compreender como as palavras fazem sentido, enquanto símbolos, como um trabalho social, característico do ser humano e sua história. O campo estuda o intermédio entre o homem e a sua realidade natural e social, ou seja, as suas particularidades como ser humano e as suas vivências em sociedade.

De acordo com Orlandi (2005, p.15), “na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Isso quer dizer que a AD não estuda as palavras e suas etimologias, mas sim os significados e o discurso sempre afetado pela ideologia e pelo inconsciente. A exterioridade faz parte desse campo, ou seja, a AD considera o meio em que as pessoas vivem, a realidade individual e como isso altera a forma de se comunicar. A sociedade nos afeta, modificando nossas percepções e alterando nossa forma de comunicação.

Cada palavra tem um peso, ela carrega sentidos, ou seja, o discurso do indivíduo está cheio de significados, mesmo inconscientemente. Com as experiências, as palavras deixam de ser letras e passam a ter um sentido tangível, repleto de memórias. Para Orlandi (2005), a AD não estuda a linguagem de uma forma fechada, mas traz à tona o objeto sócio-histórico, fazendo uma relação entre história e sociedade. Uma frase pode ser interpretada de muitas maneiras, tudo depende da vivência de quem emite e de quem recebe a mensagem.

A análise de conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: O que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente.

Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? (ORLANDI, 2005, p. 17).

Todo sujeito tem suas particularidades, com isso, não existe indivíduo sem uma bagagem sócio-histórica e ideológica, e isso afeta a forma como interpretamos cada mensagem que recebemos. A AD não pode ser considerada algo translúcido, já que cada ponto analisado está carregado de sentidos e a interpretação se torna relevante neste estudo. O indivíduo que emite a mensagem tem as suas memórias e seus próprios sentidos, mas o recado pode ser interpretado pelo receptor de outra maneira, já que suas vivências são diferentes das de quem a enviou.

De acordo com Fernandes (2007), o ser humano tem suas posições e classes sociais, cada um com um cotidiano diferente do outro. Isso torna a cada indivíduo único, e essas posições revelam questões sócio ideológicas, ou seja, a comunicação torna-se algo material neste momento. Entendendo a realidade do outro, ou somente passando pelo que ele passa, é que podemos entender o seu raciocínio.

Discurso não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos lingüísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística (FERNANDES, 2007, p. 18).

A ideologia pode interferir diretamente nas escolhas, revelando sua presença no discurso. Quando o ser humano expressa sua posição de grupo, ele manifesta suas convicções. Analisar o que as pessoas falam vai além de procurar o significado das palavras no dicionário, é entender a relevância que cada sentença tem, como elas podem ter pesos diferentes para cada indivíduo.

É nesse momento que percebemos que a AD não estuda as palavras e suas etimologias, mas sim a história, como elas podem ter o seu sentido alterado ao longo dos anos.

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos no processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade (ORLANDI, 2005, p. 35).

Para Orlandi (2005), um discurso nunca termina, ele sempre está ressignificando. Assim não sabemos onde uma sentença começou e nem o seu ponto final. A sociedade em que vivemos é formada por vínculos. De acordo com o contexto em que o indivíduo vive, os sentidos são alterados, conforme processo sócio-histórico. As expressões transformam-se de acordo com as posições dos que a empregam. Os traços ideológicos alteram a essência dos termos.

Segundo Brandão (2004, p.50), “a linguagem não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, em que o ideológico, para se objetivar, precisa de uma materialidade”. Para a autora, o discurso é a interação da linguagem, uma produção social que não é neutra, mas um lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

Brandão (2004) relata que é impossível um discurso estar desvinculado de um contexto sócio-histórico, de uma ideologia, crença e outros fatores. Cada ser tem uma forma de pensar e agir. Uma palavra que define a AD é interpretação, pois é o campo que estuda a forma como o outro recebe e decodifica a informação e isso é regido pelas experiências individuais.

De acordo com Orlandi (2005, p.43), “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”.

Como podemos ter certeza que a informação que passamos foi compreendida? Não temos essa resposta, já que cada ser humano tem vivências e isso altera nossa percepção de compreensão. Para Orlandi (2005), a ideologia interfere em nossas escolhas e também nas bolhas em que convivemos. A linguagem não é abstrata, ela pode ter um significado singular, ou seja, cada pessoa entende de um forma, com base em crenças, ideologias, política, sociedade em que vive e muitos outros elementos.

Quando o receptor decodifica a mensagem, ele automaticamente para e pensa: o que esse texto significa? Assim, cada oração está cheia de evidências. A ideologia é a conexão entre a comunicação e o universo; e, segundo Orlandi (2005), não há sujeito sem ideologia, ela e o inconsciente estão ligados. Com isso, podemos dizer que os sentidos não são conteúdos e sim indícios.

De acordo com Guimarães (1995, p. 27), “o que uma palavra significa é o que ela traz para as condições de verdade da sentença. Em outras palavras, o sentido de uma sentença

não é a sua referência a um objeto ou conjunto de objetos, é conjunto de condições nas quais a sentença se faz verdadeira”.

A AD prioriza o estudo da realidade, do sentido e a sua materialidade linguística e histórica, podendo assim tornar-se em outro. Para Fernandes (2007), o trabalho do analista é encarar a linguagem sempre nos limites do discurso e um objeto nunca para de ser analisado, seus significados nunca são completamente concretos e definidos, ele pode ter um novo sentido, já que o processo discursivo é vasto.

O indivíduo é carregado de memórias e isso é o que faz dele um ser único, com experiências únicas, ou seja, isso faz dele uma pessoa com uma visão de mundo totalmente diferente do outro.

O dizer não é prioridade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” (ilusão da entrevista in loco). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados (ORLANDI, 2005, p. 17).

O discurso é um objeto intangível, mas, ainda sim, pode ser considerado um produto. Um discurso é a junção de várias palavras e esse conjunto carrega um sentido, ou seja a pessoa não viveu, mas traz a interdiscursividade – ou seja, a constituição de um discurso em relação a outro já existente, por isso a AD trabalha com a memória, com a história. Por exemplo, muitas pessoas falam do voto feminino, mas quem discursa hoje sobre o assunto não viveu a época de lutar pelo direito. Esse é o momento em que analisamos a discursividade.

Segundo Orlandi (2005, p.26), “a análise do discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos. A transformação da superfície lingüística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão”. As palavras trazem consigo memórias e discursos já ditos ou pensados por outros. Nem sempre percebemos, mas a língua está totalmente atrelada à história.

Para Orlandi (2005), existe uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto. O texto é uma unidade a ser analisada pela AD, e quando falamos em texto queremos dizer que pode ser de uma palavra ou até mesmo muitas frases, é o que faz sentido

naquele momento. E um texto também pode ser oral, todo conjunto de palavras que têm um sentido são considerados textos, seja ele, de muitas ou poucas palavras/letras, escrito ou verbal.

Na AD, o texto é somente um acesso ao discurso, como um objeto resultante de ideologia, ou seja, como diz Orlandi (2005), discurso é a palavra em movimento. O texto é a forma materializada de uma convicção. Sendo assim, é uma unidade afetada por fatores externos, transformando-se em um objeto simbólico, passível de interpretação.

Para Guimarães (1995, p. 19), “a língua é constituída por signos e estes se definem pelas relações que têm entre si, sem recurso a nada que seja exterior”. Já de acordo com Fernandes (2007), neste campo, o texto não é um ponto de partida, mas é uma peça linguística abrangente, na qual o estudioso deve levar em consideração os sentidos produzidos por cada sentença. Assim, a historicidade é estudada como um objeto que faz com que os sentidos sejam os mesmos ou alterados.

Outra observação é que o emissor de uma mensagem escolhe entre dizer ou não dizer um discurso, não omitindo uma informação, pois até o silêncio significa, mas com base na sua ideologia, discursando-o de outra maneira. A AD se interessa por fatores sociais e históricos, trazendo à tona o interesse pelo modo como elas são colocadas em um texto.

O sentido é história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa (ORLANDI, 2005, p. 95).

Já para Fernandes (2007), a AD estuda a interpretação do sujeito falando, trazendo a ideologia materializada na linguagem. Algumas palavras, inconscientemente, já estão carregadas de sentidos, e esses termos estão atrelados ao nosso dia a dia e às nossas memórias.

2.1 Efeitos de sentido

Ideologia é uma palavra presente na AD. Assim, para Althusser (citado por BRANDÃO, 2004), a ideologia é uma encenação da realidade, de forma mecânica. Para ele, o ser humano cria simbologias representando sua realidade. O principal objetivo é tornar seres humanos em sujeitos, ou seja, a ideologia só é possível através de indivíduos.

A existência da ideologia é, portanto, material, porque as relações vividas, nelas representadas, envolvem a participação individual entre terminada as práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos. Em outros termos, a ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações. Isso leva Althusser a concluir que a prática só existe numa ideologia e através de uma ideologia (BRANDÃO, 2004, p. 25).

Já para Ricoeur (citado por BRANDÃO, 2004), a ideologia está relacionada às classes sociais de cada indivíduo, desta forma, justificando os interesses de um grupo dominante. Com isso, pode haver recortes de realidades e utilizando-se de um método de manipulação, omitindo fatos e falseando dados, tendo assim, uma visão de mundo distorcida. Portanto, é a ideologia produzindo sentidos, tema que tratamos nesta seção.

Segundo Moura (1999), os significados mudam de acordo com o tempo da enunciação, ou seja, é preciso levar em conta que as palavras carregam sentidos, mas que com o passar do tempo a perspectiva muda. Para o autor (1999, p. 63), “o conceito de sentido foi ainda mais fragmentado”.

Mas, de acordo com Guimarães (1995, p. 17), quando o indivíduo fala sobre determinado assunto, quem fala, de certa forma, interfere no enredo, deixando assim, a linguagem subjetiva. “A linguagem é feita de signos, ou seja, que seu caráter fundamental é simbólico e não natural”, frisa o autor.

Possenti (2003) relata que o discurso não tem começo, já que o conjunto de palavras têm sentido quando estão juntas, pois elas têm significados relacionados a acontecimentos anteriores. Assim, para o autor, os discursos são elos que vão se conectando.

De onde vem a estranha familiaridade que certos textos parecem evocar, como se tivessem sempre à espera da interpretação, reclamando leituras, expondo o leitor a direção dos sentidos? Por que alguns textos, ao contrário, evocam estranheza, dispõem enigmas, guardando-se para certos leitores que possam restabelecer os seus trajetos de leitura? (GREGOLIN, 2003, p. 47).

Para Gregolin (2003), os questionamentos acima são sobre o indivíduo inserir o texto na história. Com isso, a interpretação não se limita a decifrar símbolos. A leitura traz vestígios, que envolvem os sentidos, dentro de um discurso. Segundo a autora, os sentidos nunca são definitivos, sempre existe uma brecha onde é possível haver uma contradição.

Quando falamos em sentido, em AD, nos referimos a efeitos de sentido, à produção de ideias relacionadas às palavras discursadas. As orações não são fixas, a cada

local, época, e diversos outros fatores, elas vão se ressignificando. Conforme Fernandes (2007, p.22), “uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam”.

Para Possenti (2003), a interpretação tem um modo de funcionamento relacionado com o inconsciente, algo muito importante para ser perdido. O efeito de sentido é produzido a partir do efeito de significante, que é caracterizado pela historicidade.

Cada palavra tem uma pluralidade de sentidos, ou seja, a língua está inserida na história. O texto é um objeto a ser analisado, levando em consideração as condições sócio-históricas que as envolvem na produção. De acordo com Guimarães (1995), o locutor sempre tem a intenção de dizer algo a alguém, sendo um sujeito com intenções. As sentenças nunca têm um único sentido. Para o autor, a significação é estabelecida por condições sociais e de sua existência.

O que marca as diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos, caracterizando tais embates, é a ideologia, é a inscrição ideológica dos sujeitos em cena. Portanto, ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso. (FERNANDES, 2007, p. 24).

De certa forma, o sujeito escolhe as bolhas sociais nas quais está inserido, onde outros indivíduos concordam com sua linha de pensamento, discurso e ideologias. Historicamente, o discurso é um processo e a sua construção pode ser baseada em algo já dito. Assim, dependendo do espaço em que o sujeito está inserido, o sentido pode ser alterado ou ser interpretado de outras maneiras. A voz do indivíduo e suas convicções são as mesmas do grupo, formando um conjunto de vozes sociais. Segundo Fernandes (2007), a enunciação pode ser um objeto imaginário sócio ideológico, não algo realmente material.

Segundo Possenti (2003), se algo tem um sentido, esse sentido se materializa no próprio momento de produção. A natureza do efeito de sentido propõe uma relação estreita entre análise do discurso e a psicanálise. Sendo algo individual, elucidado e reproduzido por alguém específico.

Um discurso, mesmo que de forma inconsciente, é o desejo do locutor e isso tem uma ligação direta no seu âmbito social. Com o passar do tempo, o discurso sofre alterações, sempre marcando transformações no cotidiano, como já mencionado. Os efeitos de sentido revelam conflitos sociais, os quais são assumidos por vários sujeitos. Segundo Fernandes

(2007, p. 54), “um mesmo tema, ao ser colocado em evidência, é objeto de conflitos, detenção, face as diferentes posições ocupadas por sujeitos que se opõem, se contestam”.

O discurso não se limita a um momento específico, é atemporal e está sempre em movimento. Isso quer dizer que uma enunciação é gerada a partir de outras, possibilitando outros efeitos de sentido. Ações políticas e ideológicas promovem um novo contexto sociocultural.

De acordo com Brandão (2004), a relação não está no *eu* e nem no *você*, mas sim no espaço discursivo criado pelos dois. Na AD, os efeitos de sentido dependem da interação e da interpretação do receptor da mensagem. Com isso, deve-se reconhecer que a AD é a existência de várias línguas em uma única.

Assim, Fernandes (2007, p.23) destaca que “um enunciado, definido sob seus aspectos formais, tem sentidos diferentes ao ser produzido em diferentes momentos históricos, e/ou ideológicos”. Nessa perspectiva o enunciado se torna outro. “A Análise do Discurso implica operações de leitura e interpretação que envolvem campos e problemáticas dos domínios sócio-históricos, uma vez que focaliza campos e problemáticas encontrados no interior da Lingüística, e não em seu interior.” (FERNANDES, 2007, p. 24).

A maioria dos autores concorda que a AD é um campo que estuda quem emite a mensagem, o enunciado e seus sentidos, sendo que o receptor, como cada ser, tem uma percepção diferente de mundo, com suas vivências, memórias e ideologia.

Para Gregolin (2003, p. 48), “os efeitos de sentido que circulam nos discursos produzidos em uma sociedade, constroem, com as formas discursivas típicas de um desses diversos gêneros, as representações do imaginário de uma certa época”.

Trataremos a seguir do discurso político, pois é essa categoria que compõe o objeto deste estudo.

2.2 Discurso político

Ao pensar o discurso político, temos que pensar que os sentidos têm pesos, que o discurso traz consigo a historicidade de milhões de pessoas que estão vivas ou já se foram. Para Osakabe (1999), quando pensamos em textos, trazemos a importância dentro de um esquema, onde existem relações que podem existir involuntariamente, revelando uma perspectiva que coloca em evidência os problemas de condições de produção.

A produção pode ser considerada do ponto de vista individualizado mas também do ponto de vista do produtor socializado, ou seja, pode ser de um ponto de vista exclusivo do indivíduo ou determinado por condições sociais. Segundo Osakabe (1999, p. 54), “o discurso caracteriza-se, assim, pura e simplesmente como resultante (transformado, como ele bem o salienta) das relações de papéis sociais determinados”

De acordo com Pinto (2006), os discursos em si já são carregados de histórias e emoções, mas o principal objetivo de um discurso político é cativar o público, fazer com que a sociedade se identifique de alguma forma, e o objetivo? São os votos contabilizados nas urnas no final das eleições.

No tempo da política, isto é durante as campanhas eleitorais, o discurso sai dos limites dos locais tradicionais de enunciação e todos nós nos tornamos enunciadore de discursos políticos, sujeitos de discursos políticos: os eleitores passam a ser também enunciadore. Todo eleitor, em última instância, quando vota, constrói um discurso político, a política se legitima na fala de cada um de nós (PINTO, 2006, p. 79).

Para Tolentino (2019, p.13), “a revolução digital, e as mídias sociais mudaram a forma como cidadãos e políticos se relacionam com a política”. Dessa forma, a produção pode ser considerada do ponto de vista individualizado, mas também do ponto de vista do produtor socializado, ou seja, pode ser de um ponto de vista exclusivo do indivíduo ou determinado por condições sociais. Segundo Osakabe (1999, p. 54), o discurso político “caracteriza-se, assim, pura e simplesmente como resultante (transformado, como ele bem o salienta) das relações de papéis sociais determinados”.

Segundo Pinto (2006), o discurso pode ser usado de forma equívoca como um pronunciamento, algo formal. Com isso, os discursos hoje podem ser expressados de forma escrita, mas também de forma visual. Trazendo isso para o círculo político, podemos observar que:

O que é um discurso político, se não uma repetida tentativa de fixar sentidos em um cenário de disputa? Os exemplos podem se multiplicar, atualmente há uma disputa sobre os significados de noções como “esquerda”, “direita”, “reforma”, revolução”, todos estes termos tiveram sentidos muito mas fixos do que têm hoje. Quando analisamos o discurso político, verifica-se que esta é uma tentativa de fixar sentidos, que têm a urgência como condição e durante as campanhas eleitorais esta urgência é ainda mais fácil de ser verificada (PINTO, 2006, p. 80).

De acordo com Pinto (2006), o discurso pode ter várias categorias, como científico, religioso, amoroso, fictício e político. Ao último citado, segundo a autora, participa de um jogo de construção de sentidos e significações.

A seguir passamos a um breve estudo do jornalismo, tendo uma seção específica para as mulheres jornalistas, na medida em que serão as falas do presidente dirigidas a elas, que vamos promover uma análise do discurso.

3. O saber no Jornalismo

Segundo Colombo (1998), podemos dizer que os periódicos foram uma inovação, mas desde o começo o ser humano precisa de algum quesito para poder se informar, como por exemplo, saber ler e interpretar. As pessoas que não conseguem compreender um texto, por mais simples que seja, são chamadas de analfabetas funcionais.

Quando o ser humano sabe ler e interpretar, sabe o que cada palavra significa. Para Furio Colombo (1998), no jornalismo, é de extrema importância que as pessoas compreendam o que o autor escreveu. O jornalista é o ser informante da sociedade, ser pensante que tem a função de intérprete e orientador dos demais homens. É o mediador entre os fatos e seu conhecimento público, tendo a vocação de impulsionar o homem e a sociedade à ação ao apurar e divulgar os fatos. A sua função é servir como porta-voz e intérprete dos fatos sociais.

Conforme explica Colombo (1998), a base do jornalismo é formada por técnicas que tentam cativar a sociedade a ler suas reportagens. Uma delas é o *lead*, que dentro de um texto tem que responder os elementos: o quê? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como? São componentes básicos do jornalismo para transmitir a informação e geralmente os fatos são narrados por ordem decrescente de importância.

Além da função de informar e responder a algumas questões, o jornalista deve ter cuidado e ética na vida profissional, o que quer dizer comportamento com o entrevistado, contar o que viu ou o que as fontes relataram, manter um bom relacionamento com as fontes. Colombo (1998) relata que um jornalista deve sempre estar informado, com leitura da realidade para interpretar os fatos e contar ao público. O fazer jornalístico envolve questões sociais, econômicas, psicológicas, políticas e até éticas e filosóficas. E acima de tudo, o jornalismo é uma forma de conhecimento.

Para Pereira Júnior (2006), não se pode pensar no jornalismo apenas a partir do enfoque técnico e vê-lo apenas como um transmissor de mensagens/fatos/acontecimentos/informações e fazer do jornalista um mensageiro sem qualquer participação no relato jornalístico.

Um jornalista constrói a realidade do acontecimento a partir das informações apuradas, do que as fontes relataram, do que o próprio profissional escolhe qual notícia vai entrar no jornal e/ou seu conteúdo. O ofício tem um lado social também, pois envolve pessoas e conta como certo momento foi vivido, projetando o discurso do tangível, reportando a realidade. Seabra (2020) explica que:

Temos não só uma relação conflituosa entre ética profissional e meios, empresas e anunciantes, como entre a ética da profissão e o próprio exercício profissional numa lógica de mercado, empreendedorismo e sobrevivência, que toma não só a relação de trabalho, como o processo de produção de notícias, como um todo.

Além disso, segundo Colombo (1998), a vida profissional tem seus desafios, como a quantidade de pessoas dispostas a falar publicamente, o que está se tornando cada vez mais difícil pela interferência do poder político nas questões econômicas dos meios de comunicação e o risco de ser censurado de alguma forma.

Pereira Júnior (2006) destaca que esses são considerados alguns dos adversários que provocam instabilidade, turbulências, pressões e mudanças no jornalismo. O que demonstra a vulnerabilidade do sistema de informação, que pisa em um teto de vidro que, muitas vezes, pode quebrar entre os poderes econômicos e políticos.

O objetivo principal do texto é refletir e especificar como o jornalismo se constitui num espaço de produção de sentidos, já que nele há construções simbólicas e não ocorre simples reprodução da realidade, como algumas teorias defendiam há algum tempo. A discussão moderna que compreende o jornalismo como produção de sentidos e não como espaço de representação é precedida por um longo momento. O jornalismo é concebido como técnica de registro e de veiculação da realidade (BORELLI, 2005, p. 1).

Para muitos, o jornalismo como local de produção de sentidos não é um lugar neutro. Mesmo que o profissional tenha ética - e deve ter -, ele nunca será totalmente imparcial, isso é algo intangível. Para Pereira Júnior (2006), os fatos noticiados viram acontecimentos e o jornalista elenca os aspectos mais importantes da história. No processo, deve-se levar em conta os valores, cultura, condições e organização do veículo de comunicação, já que todos os elementos constituem o sujeito.

O jornalista tem o poder de derrubar um político, de acordo com Eliane Cantanhêde (2005). Em entrevista a Habib (2005, p.76), ela critica que “o jornalista vigia todo mundo, e é o dono da verdade”. Provavelmente ela se refere ao caso do presidente Fernando Collor, que renunciou após a imprensa denunciar fatos apurados em seu governo. Caso emblemático também foi o do presidente Richard Nixon dos EUA, quando foi noticiado o famoso caso Watergate. Quanto ao que diz sobre vigiar o mundo e ser o dono da verdade, ela o faz a partir dessa mediação entre apurar um fato, ouvir as fontes e elencar os aspectos que considera importantes. A expressão é forte e consideramos que deve ser relativizada, tendo em vista o que explicado acima a partir de Pereira Junior (2006) sobre o jornalismo, assim como Borelli (2005), que este é também um espaço de produção de sentidos.

3.1 A mulher no jornalismo

Imagine estar em uma profissão majoritariamente de homens, onde uma mulher trabalhar e prosperar é visto como algo negativo. Engana-se quem pensa que estamos falando de décadas atrás. O começo é sempre difícil, principalmente para uma mulher. Quando a carreira está indo bem, é porque ela conseguiu de outras maneiras e não por sua competência.

De acordo com Mello (2020), uma parcela da sociedade tem dificuldades - ou não aceita de forma alguma - mudanças, como por exemplo, em 1932, quando as mulheres conquistaram o direito de votar ou em 2006, ao ser criada a Lei nº 11.340, mais conhecida como Maria da Penha, que protege a mulher em caso de abusos.

Mello (2020) explica que a mulher sempre foi considerada o ‘sexo frágil’, normalmente em posição inferior em relação aos homens, sendo privadas de ler, escrever, opinar e participar de assuntos políticos. Foi-se o tempo em que a força era o que regia a sociedade, ou seja, uma pessoa forte era um líder nato. Assim, os homens eram os detentores de poderes. Mas atualmente a inteligência é o que domina a sociedade, onde homens e mulheres podem disputar os mesmos espaços.

Para Habib (2005, p. 51), “a mulher deixou o jornalismo mais humano”. A Editora da Abril, Célia Pardi (2005), explica que as pautas para a revista *Claudia*, por exemplo, vinham com naturalidade, já que muitas das escritoras tinham as mesmas vidas que as leitoras, elas se identificavam.

Segundo Costa (2005), a figura feminina foi construída há séculos, quando as mulheres não trabalhavam fora de casa, cuidavam dos filhos, do lar e essas atribuições estão ligadas à sociedade patriarcal, onde existem preconceitos. Nesse período, muitas mulheres viviam para os maridos, filhos, lar e não tinham autonomia para expressar suas opiniões, reivindicar seus direitos ou decidir sobre algo.

Costa (2005) destaca que somente no século XIX, quando os homens foram convocados para irem lutar nas guerras que as mulheres foram inseridas no mercado de trabalho já que, conseqüentemente, faltou mão de obra nas empresas, elas precisaram assumir a chefia das famílias. Mas mesmo assim, a disparidade é gigantesca.

Eliane Cantanhêde (2005, p. 75) conta que “a geração dela abriu o caminho para as mulheres de hoje, um mercado de trabalho formado, mas de 50%, por mulheres”. A autora destaca que, para Cristina Poli, a mulher tem que conciliar várias coisas, como a vida profissional e pessoal.

Segundo Jung (2004), ao fazer uma busca pela internet sobre a primeira mulher jornalista brasileira, chegou a três resultados e todos citam Ximenes de Bivar e Valesco como a primeira a trabalhar em jornais, em meados de 1852, mas o autor ressalta que não consta nos registros Maria Josefina Barreto Pinto, a porto-alegrense que trabalhava no *A Idade d'Ouro*, em outubro de 1833.

O notável pesquisador e jornalista Werneck Sodré em seu livro sobre a história da imprensa brasileira faz apenas uma rápida referência ao surgimento de uma única mulher no meio jornalístico - é verdade, sem dar-lhe primazia -, a partir do período imperial, entre centenas de outros jornalistas, todos homens, que participam da nova sociedade brasileira (JUNG, 2004, p. 60).

Segundo Jung (2004), Maria Josefa recebeu uma herança de seus pais adotivos e em outubro de 1833 associou-se a Manoel dos Passos Figueroa e, assim, começaram a editar o jornal *a Idade d'Ouro*. Com isso, ela se torna a primeira jornalista mulher a exercer atividade jornalística no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Jung (2004) relata que em novembro do mesmo ano, ela fundou e passou a publicar sozinha o jornal *Bellona*. Nesse período, as mulheres começaram a se libertar, aos poucos, da clausura colonial e se subordinaram aos padrões da moda europeia. Maria Josefa comandava uma plêiade feminal, durante os movimentos revolucionários, colocando o seu domínio e sua influência sobre as mulheres da moda.

Célia Pardi (2005, p. 43) explica que:

Essa mulher que lutou para chegar até aqui ainda precisa conquistar seu espaço, e só o tempo faz isso [...] A mulher brasileira ainda não tem garra para querer ser presidente de empresa, o que ela atribui a um pouco de preguiça: O machismo existe, mas por um lado, elas não partem para essa guerra. Estou generalizando. Dá trabalho, tem que estudar mais, se dedicar mais. O projeto de vida da mulher é o homem. Eu não vejo a mulher brasileira querer ser presidente da República, melhorar o país lutando pelos seus direitos. O passo ainda é lento.

A revolução fez com que as mulheres deixassem seu lar para poder trabalhar e cuidar da casa e dos filhos, já que com as guerras era comum a ausência dos homens e as mulheres precisavam de renda financeira para sobreviver. Jung (2004) destaca que Maria Josefa foi uma dessas mulheres que se viu na posição, mas porque seu marido precisou fugir para salvar a própria vida, abandonando-a com os filhos.

Maria Josefa sempre quis competir com os homens, de igual para igual. A mesma veio a falecer em 9 de novembro de 1837, mas a luta das mulheres ainda segue. Segundo o escritor Guilhermino Cesar, (citado por JUNG, 2004, p.79), “feminista avançada, sim, mas poetisa medíocre”. Mas, por outro lado, a escritora Niamara Ribeiro (citada por JUNG, 2004, p.79), critica que “Maria Josefa renegou seus patrícios, mostrando-se uma feminista equivocada, combatendo os rebeldes neste doloroso momento da nossa história”.

Se for considerar toda sua trajetória, Maria Josefa foi mãe, feminista, culta, poeta, escritora, professora e jornalista, dirigindo dois jornais, sendo proprietária de um. Os seus periódicos não eram de repercussão nacional, e por isso Maria Josefa não é considerada a primeira mulher jornalista brasileira. Mas ela começou 19 anos antes da data concedida a Juana Paula Manso e Violante Velasco, que, segundo Jung (2004), foram consideradas, erroneamente, as primeiras fundadoras de periódicos no Brasil.

Fátima Bernardes (2005, p. 83) comenta que:

Nós somos muito exigentes com nós mesmas, e acabamos sendo com os outros também. Acrescentamos com a nossa maneira de ver o mundo, com a nossa experiência de mãe, Nós somamos. Nunca houve nada que eu quisesse fazer que eu não tenha feito. Já fiz polícia, presídio, violência, esporte, política.

Glenda Kozlowski (2005, p. 97) sofre com o machismo no mundo do esporte, sendo um ambiente muito masculino.

Quando comecei há dez anos atrás era muito complicado. Todos os repórteres de rádio e televisão entravam no vestiário. Eu tinha que entrar. Entre várias vezes sozinha. A única mulher no meio de centenas de homens para falar de futebol. Já passei por muito constrangimento, jogadores completamente nus desfilando, e de propósito. É quando você deixa sair o lado masculino. Você tem que dar uma de homem, olhar para o cara e exigir respeito. Eu estava ali para uma entrevista. Você foca nos olhos do entrevistado, não enxerga mais nada. Você tem que manter o respeito para conseguir manter o seu trabalho.

Mas não basta ser mulher, Joyce Ribeiro (2005, p. 120) conta as dificuldades de ser uma mulher negra na televisão. “Geralmente quando se procura uma apresentadora, dificilmente as pessoas optam por uma profissional negra. Os testes são seleções abertos, mas em 99% dos casos, eles não selecionam negros”.

É duro ter que ouvir, ainda hoje, que uma mulher está em tal cargo por causa de coisas externas e sempre relacionada a uma figura masculina. De acordo com Habib (2005), algumas áreas do jornalismo são restritas às mulheres, como, por exemplo, esporte, economia e política.

Schwarcz (2019, p. 187) retrata bem a mulher atual, o que as mulheres sofrem e já sofreram. A autora destaca a disparidade das mulheres na última eleição. “Quanto mais as mulheres vão conseguindo impor sua independência e autonomia, tanto maior tem sido a reação masculina e a demonstração de misoginia”.

Com essa breve explanação do jornalismo e da mulher jornalista, seguimos com a análise do discurso proposta.

4. Análise

Antes de passar à análise propriamente dita, precisamos contextualizar o objeto de estudo, ou seja, o discurso do presidente do Brasil. Jair Bolsonaro venceu as eleições em 2018 com mais de 46% dos votos no primeiro turno, e com pouco mais de 55% dos votos válidos no segundo turno, tornando-se o 9º presidente a assumir o comando do país após o Regime Militar. A sua campanha foi marcada por disparos em massa de mensagens em redes sociais, usando *fake news* a seu favor.

Pela primeira vez, após a redemocratização, a extrema direita ganhou o poder no Brasil, provocando uma grande polarização, especialmente na internet. De acordo com

Tolentino (2019, p.13), “a revolução digital, e as mídias sociais mudaram a forma como cidadãos e políticos se relacionam com a política”.

Neste capítulo vamos analisar 4 (quatro) situações em que o atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, ataca mulheres jornalistas. Os casos selecionados para análise, como informado na Introdução, foram registrados numa linha do tempo de 2020, em um documento produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que registra os ataques feitos pelo presidente aos veículos de comunicação e a jornalistas. Neste documento constam tweets e declarações em lives, entrevistas e discursos. O documento registra 179 ocorrências de janeiro a abril de 2020, sendo que, geralmente, o presidente só cita os nomes dos profissionais quando são mulheres.

4.1. Caso Patrícia Campos Mello

O primeiro caso a ser analisado ocorreu em 18 de fevereiro de 2020, na saída do Palácio da Alvorada, onde o mandatário descredibiliza a imprensa e faz ataques a Patrícia Campos Mello, jornalista da Folha de S. Paulo, conforme o trecho a seguir, extraído do documento da Fenaj (2020).

E olha a jornalista da Folha de S. Paulo, tem mais um vídeo dela aí. Não vou falar aqui que tem senhora aqui do lado, ela fala ‘Eu sou tototo-tatata do PT’. E o depoimento do River, Hans River, final de 2018 para o Ministério Público, ele diz do assédio da jornalista em cima dele. Ela queria um furo, ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim. Lá em 2018 ele já dizia, que ele chegava perguntando, ‘O Bolsonaro pagou pra você, divulgar né, pelo whatsapp informações’.

Em tom pejorativo, interpreta-se que o presidente usa em seu discurso uma conotação sexual ao se referir a Patrícia Campos de Mello, ao falar *ela queria dar o furo*. No jornalismo ‘dar o furo’ significa dar uma notícia em primeira mão. Mas efeito de sentido da frase é um xingamento com apelo sexual. De acordo com Pinto (2006), um indivíduo medíocre, do ponto de vista de poder e sabedoria, é constantemente visto em discursos conservadores. Por isso Bolsonaro, geralmente, fala com os eleitores do sexo masculino, chamando a atenção de um certo grupo de pessoas.

A onda de ataques a Marina Silva ilustra bem essa atuação profissional. O desempenho da então candidata no debate foi elogiado após ela confrontar Bolsonaro de maneira ativa sobre declarações dele justificando salários mais baixos para as mulheres. O candidato já havia dito que era compreensível que as mulheres

ganhassem menos ou fossem preteridas em contratações, já que engravidavam e isso significa prejuízo para os empregadores. (MELLO, 2020, p. 35)

Mello (2020, p. 32) destaca que “Jair Bolsonaro e os três filhos políticos também se transformaram em influenciadores digitais, documentando pelo YouTube e pelas mídias sociais suas vidas e se comunicando diretamente com seus apoiadores”, afetando diretamente os meios de comunicação.

Em todo esse contexto, os sentidos levam a interpretar que Bolsonaro traz consigo um discurso machista, verbalmente violento e misógino e seus apoiadores compactuam com as palavras ditas. Declarações do tipo: “*Ela queria um furo, ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim*” foram proferidas contra a jornalista Patrícia Campos de Mello, em tom de piada, mostrando como a mulher ainda está atrelada mais às práticas sexuais do que como uma profissional.

Schwarck (2019, p. 183-184) faz uma reflexão sobre sexo e gênero. Por exemplo, sexo é uma característica biológica, já gênero traz à tona as construções sociais entre os indivíduos. Ou seja, “sexo é uma categoria mais fixa, o resultado visível de diferenças anatômicas, enquanto o gênero ‘traduz o sexo’; é uma distinção social construída e que ultrapassa as evidências biológicas e opera a partir de categorias binárias”.

A AD traz à tona, em relação aos efeitos de sentido, o pensamento de muitos brasileiros, inclusive, Jair Bolsonaro, onde a mulher é retratada como um ser que tem como seu principal objetivo a procriação, um ser inferior, que não é levada a sério como profissional. A partir dessa perspectiva, podemos relacionar com o que diz Possenti (2003), que os efeitos de sentidos são produzidos pelo efeito de significante, caracterizado pela historicidade.

O efeito de sentido é que o mandatário insinua que Mello teve relações sexuais em troca de informações. Nesse discurso, está implícito que, em pleno século XXI, o corpo da mulher ainda é um objeto, uma moeda de troca. De acordo com Orlandi (2005, p. 15), “análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Ou seja, o discurso de Bolsonaro mostra a face preconceituosa de boa parte da população brasileira, que se sente representada por ele. Como destaca Fernandes (2007), a voz do indivíduo é a mesma do grupo e, assim, formam o conjunto de vozes sociais.

Outro ponto é que o presidente já começa seu discurso atacando o meio de comunicação em que a jornalista trabalha no trecho: “*olha a jornalista da Folha de S. Paulo*”. O ataque do mandatário tem como efeito de sentido que suas desavenças são com os jornais. Dessa forma, Bolsonaro ataca, o que para ele é o elo mais fraco da comunicação, as mulheres jornalistas. O objetivo é, ao intimidar a jornalista, o faz aos veículos de comunicação de um modo geral. O efeito de sentido do discurso é sempre atacar a imprensa, e, nesse caso, ao atacar uma mulher, fruto da cultura machista. Por isso, para a AD a linguagem é carregada de ideologia. Segundo Brandão (2004, p. 11), na AD:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso e interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

De acordo com as ideologias do presidente, ele aproveita de seu lugar de fala para insultar as jornalistas e, conseqüentemente, acaba incentivando seus apoiadores a fazer o mesmo. O efeito de sentido é um ataque à Folha, tentando intimidar a imprensa geral.

Em relação ao jornalismo, como destacado no capítulo *O saber no Jornalismo*, é uma profissão que tem poderes nas mãos. Segundo Cantanhêde (2005), o profissional tem o dever de vigiar a todos, anunciando a verdade à população. Com isso, um jornalista tem o poder de derrubar um político ao apurar os fatos e denunciar os mal feitos. Bolsonaro sabe disso, pois vivenciou o caso Collor e mais recentemente o impeachment de Dilma Rousseff, em cujos casos a imprensa teve papel importante ao noticiar os fatos. Como consequência, o efeito de sentido do discurso de Bolsonaro é sempre atacar a imprensa, já que para ele o ataque é a melhor defesa.

4.2. Caso Eliane Cantanhêde

O segundo caso a ser analisado ocorreu em 20 de fevereiro de 2020, durante uma live no YouTube, onde o presidente descredibiliza a imprensa e faz ataques a Eliane Cantanhêde, jornalista da Globonews e colunista do Estadão.

Antes de entrarmos no discurso propriamente dito, vamos contextualizar a situação. A jornalista Eliane Cantanhêde virou alvo de uma campanha intensa de bolsonaristas após sua participação no *Em Pauta*, da GloboNews. A profissional opinou sobre o atentado sofrido pelo senador Cid Gomes (PDT-CE), durante um protesto no Ceará. Em sua fala, a

jornalista mencionou o presidente da República. Contra um grupo de policiais militares grevistas que estava acampado em frente ao quartel da polícia de Sobral (CE), o senador subiu em uma retroescavadeira e tentou derrubar o portão que dividia os manifestantes do grupo comandado pelo senador. Um dos grevistas próximos ao portão sacou uma arma e deu dois tiros em direção ao político, que foi atingido.

No seguinte trecho, Bolsonaro manifesta sua opinião por meio do YouTube.

“Globonews! Eliane Cantanhêde descobriu também que um dos responsáveis pelo tiro no Cid Gomes foi um tal de Jair Bolsonaro. Você conhece esse cara? Tá vendo o risco que você tá correndo do meu lado? Ô imprensa brasileira! [...] Eliane Cantanhêde, dizendo que sou um dos responsáveis pelo tiro naquele cidadão que tava na retroescavadeira, é o fim da picada! Então olha só: o que o presidente da Caixa falou? Que a Caixa não financiou clube de futebol no passado. E eu não financiei a imprensa. Então se justifica né, se ver porque a imprensa ataca tanto a gente. [...] Acabei de falar aqui, pra Eliane Cantanhêde aqui dizer que sou um dos responsáveis pelo tiro lá no cidadão do, lá em Fortaleza, pelo amor de Deus, que negócio é esse? O tempo todo isso, só besteira, besteira besteira o tempo todo, só fofoca, fofoca. Empresário, faço um apelo a você, humildemente eu peço. Faça seu balancete em jornais menores que esses jornalões que têm por aí. Você vai gastar menos, e vai ajudar a chegar uma informação verdadeira no cidadão brasileiro, que é atacado o tempo todo, é uma carga de mentira o tempo todo” (FENAJ, 2020).

O mandatário profere seu discurso, com ironia implícita, na internet citando a jornalista, o veículo de imprensa na qual ela trabalha e ainda descredibiliza as informações. Segundo Mello (2020, p. 78), “no Brasil, estamos descobrindo que ser mulher e jornalista nos transforma em alvo”. Novamente os efeitos de sentido levam a mostrar que nas falas de Bolsonaro, claramente, ele usa a figura feminina como forma de intimidação para toda imprensa. O fato, certamente, foi noticiado por outros veículos, mas o presidente só cita a jornalista da Globonews, pertencente à Rede Globo, a quem ele dirige ataques desde a campanha à presidência. Referir-se a mulheres, fazendo questão de citar o nome, faz parte de seu discurso conservador e machista. Ele usa as mulheres para criticar o veículo em especial. Isso se relaciona com o que diz Fernandes (2007) que, quando o homem fala de uma posição, ele manifesta suas convicções.

Ainda no discurso, outra forma de amedrontar é quando o presidente pede auxílio de seus apoiadores empresários para que deixem de anunciar seus materiais nos meios de

comunicação mais relevantes e leiam jornais locais. Nesse fragmento do texto: *Você vai gastar menos, e vai ajudar a chegar uma informação verdadeira no cidadão brasileiro*, deixa claro o descontentamento de Bolsonaro com os grandes veículos de comunicação, já que considera que não o apoiam.

Nessa perspectiva, Colombo (1998) destaca que o jornalismo é um meio de informar as pessoas, de trazer as notícias, trabalhando com fatos e situações reais. O discurso de Bolsonaro tem efeitos de sentido, estando sempre implícito que se a imprensa não segue sua linha ideológica, está contra ele e seu governo. E que *chegar uma informação verdadeira no cidadão brasileiro*, no seu caso, está em veículos que o apoiam ideologicamente e não nas mídias tradicionais ou na chamada grande mídia.

Sobre a questão de o presidente sempre citar jornalistas mulheres, Schwarcz (2019, p.184) relata que “comportamentos heteronormativos, e que buscam estender o sexo a outros campos da sociedade - como o trabalho, o lazer, o poder -, produzem várias formas de assimetrias de gênero. E a violência social é uma das maneiras como essas assimetrias se manifestam”.

Eliane Cantanhêde (2005) acredita que a mulher trocou o discurso pela prática, que aquela mulher mais preparada, mais culta, bem remunerada, que impulsiona os movimentos de reivindicação, já foi para o mercado de trabalho, e convive com gente igual a ela, homens e mulheres.

A prática hoje é muito feminista. Mas a nossa responsabilidade é também com todas as mulheres que ainda ganham menos, tem menos educação, menos formação, e que ainda sofre com os efeitos de gênero, e não tem a mesma capacidade de mobilização. O problema continua existindo atrás da gente. (CANTANHÊDE, 2005, p. 77)

Todo o trecho destacado da fala do presidente, nos lembra que, de acordo com Guimarães (1995), na AD a língua é afetada pelo interdiscurso, onde o sentido se materializa no enunciado. Assim, ao citar o caso e mencionar os veículos que a jornalista trabalha, os efeitos de sentidos não estão presentes nos acontecimentos, mas na memória, em sua historicidade, como também aponta Orlandi (2005). Em forma de intimidação, “com frequência o presidente manda repórteres - homens e mulheres - tomarem ‘vergonha na cara’” (MELLO, 2020, p. 87). Ou seja, Bolsonaro traz consigo um discurso carregado de ideologia, onde mostra o peso do machismo nos dias atuais.

Durante seu discurso, Bolsonaro cita ainda que *o tempo todo isso, só besteira, besteira besteira o tempo todo, só fofoca, fofoca*, referindo-se aos veículos de comunicação. O trecho é carregado de ideologia, levando ao efeito de sentido que o mandatário profere aquilo que ele mesmo faz ao divulgar as notícias falsas, conhecidas como *fake news*, e, com tanta ‘besteira’, está falando de si mesmo. A forma como o presidente fala, empurrando palavras, que muitas vezes não tem sentido, não é adequada para um chefe de Estado.

4.3. Caso Vera Magalhães

O terceiro caso a ser verificado ocorreu em 27 de fevereiro de 2020, durante uma live no YouTube, onde o presidente novamente descredibiliza a imprensa e faz ataques a Vera Magalhães, colunista do Jornal O Globo e comentarista da rádio CBN. No mesmo discurso, Bolsonaro ataca três vezes a jornalista, como analisaremos no trecho abaixo.

Antes de analisarmos o discurso do presidente, vamos contextualizar a situação. A jornalista Vera Magalhães informou que o presidente transmitiu para contatos no WhatsApp, um vídeo chamando para a manifestação em seu apoio e "contra os inimigos da nação". Dias depois, o presidente Jair Bolsonaro negou durante transmissão ao vivo em sua página no Facebook, que tenha compartilhado pelo WhatsApp vídeo que convoca a população para manifestação no próximo dia 15. Pouco depois da live feita pelo presidente, Vera Magalhães, responsável pela notícia que Bolsonaro buscou desmentir, afirmou, pelas redes sociais, achar "perigoso a um presidente mentir em rede nacional" (FENAJ, 2020).

Assim, Bolsonaro manifesta-se:

Tô apanhando da mídia, jornal Nacional, Folha, Estado, Globo, praticamente toda a mídia brasileira... eu disparei trilhões de zap pedindo aí o apoio de todos à manifestação pro dia 15 de março. [...] e a Vera Magalhães, teria, olha só, Vera, como fui legal contigo, você teria recebido o vídeo com eu pedindo apoio para manifestação de 15 de março de 2015. [...] E daí, pelo que parece né, Vera Magalhães, você pegou esse vídeo, não posso afirmar que seja essa história, realmente, que eu não sou da tua laia, certo? Não sou da tua laia, então em cima disso, você fez uma matéria que eu estaria disparando WhatsApp pedindo apoio para o movimento, no dia 15 de março, agora. (FENAJ, 2020).

Em live, o presidente descredibiliza a jornalista dizendo que foi legal com a jornalista, como se isso fosse um favor a ela. E, ao desmerecer Vera Magalhães, o faz também ao próprio veículo em que ela trabalha, e aos demais meios de comunicação que cita. No

mesmo discurso, Bolsonaro a ofende dizendo: *não sou da tua laia*, comparando a classe jornalística com algo ruim, na medida em que ‘laia’ se refere a pessoas da mesma espécie, ou seja, tem o efeito de sentido de que a imprensa faz parte de uma espécie desqualificada. A relação do mandatário com a grande mídia não é boa, porque ele considera que veículos de comunicação não estão ao seu lado, ideologicamente falando, pois não deixam de noticiar os fatos envolvendo o presidente.

O jornalismo tem como base relatar a verdade, ou seja, tem como a premissa relatar fatos, como explica Colombo (1998). Mas nem sempre isso agrada pessoas poderosas, como, por exemplo, os políticos. O papel do meio de comunicação é informar a sociedade e isso pode ser feito criticando o que é mal feito, independentemente de qualquer âmbito. E para o mandatário uma forma de amedrontar e intimidar os jornalistas e meios de comunicação é atacando.

Mello (2020, p.87) destaca os ataques sofridos pela “jornalista Vera Magalhães, que já sofria ataques misóginos por seu trabalho, recebeu inúmeras agressões verbais de apoiadores e aliados de Bolsonaro após publicar uma reportagem sobre o protesto marcado para 15 de março de 2019”.

No mesmo discurso, Bolsonaro, mais uma vez, usa termos de duplo sentido, com conotação sexual, para se referir ao trabalho da jornalista, como o fez com Patrícia Campos Mello:

Agora, com toda a certeza, repito, não posso afirmar; não posso afirmar com toda a certeza, ela fez a, ela queria dar um furo, dar um furo de reportagem, com aquele meu vídeo convocando o pessoal pra 15 de março, domingo, mas ela, no seu afã de dar o furo jornalístico rapidamente, ela esqueceu de ver a data, que era 2015 [...]. Agora, um trabalho porco, mais um trabalho porco, que a mídia toda repercutiu isso daí, em cima da Vera Magalhães, que eu nunca vi, uns 2 anos pra cá que o pessoal fala sobre ela pra mim, tem na Rádio Jovem Pan, nunca vi, nunca ninguém me falou que ela falou uma palavra positiva sobre a minha pessoa, sobre nosso governo, nada, é só pancada o tempo todo. Afinal de contas né, a imprensa que não atrapalha recebe dinheiro do governo do estado. (FENAJ, 2020)

Nesse momento, usa palavras ofensivas quando Bolsonaro diz que a mídia não atrapalha por receber dinheiro público, implica dizer que os que não recebem falam mal do governo. Dessa forma, subentende-se que os meios de comunicação são comprados e

silenciados. De acordo com Mello (2020, p. 92), “as ofensas não se restringem à grande mídia, nem às capitais do país. Quando um ataque vem do topo da hierarquia, ele funciona como uma autorização. Há casos de misoginia em câmara de vereadores de cidades pequenas e com jornalistas de veículos independentes”.

Dessa forma, o presidente dá margem a outras pessoas para que também ataquem a imprensa e coloca em xeque todo o trabalho de um jornalista, desvalorizando a sua credibilidade. Diante disso, trazemos Gregolin (2003), que entende que os efeitos de sentido circulam nos discursos, construindo formas discursivas típicas e representações do imaginário de uma certa época. E Orlandi (2005) destaca que os discursos são delineados na sua relação com outros dizeres, o que pode se relacionar com o que diz Bolsonaro: *mais um trabalho porco, que a mídia toda repercutiu isso daí, em cima da Vera Magalhães e é só pancada o tempo todo*. Essas falas podem apresentar como efeito de sentido, que o ataque ao *trabalho porco* e as *pancadas* da imprensa Bolsonaro toma para si seu próprio discurso, ou seja, faz um governo ‘porco’ e, por isso, leva ‘pancadas’, na medida em que a imprensa não deixa de noticiar as ações e atitudes do presidente. Pela posição que ocupa, é do interesse público tudo o que ele faz ou deixa de fazer.

Assim Seabra (2020) confirma que:

Como produto da demanda da sociedade por informação (e, em alguns casos, por democracia), o jornalismo passou a ser, também, alvo desse mesmo ódio, que, no presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, traduz-se na evocação do discurso do medo como arma para atacar e desacreditar a característica de crítica, base da formação profissional.

O presidente ainda cita em seu discurso “*não posso afirmar com toda a certeza*”. Com isso, o mandatário joga uma informação, mesmo não afirmando a veracidade, trazendo um efeito de sentido contrário, já que seus apoiadores têm certeza do que Bolsonaro fala. Os discursos de Bolsonaro são dirigidos a seus apoiadores, como se sabe e, para eles, pouco importa se ele afirma sem certeza ou sem comprovação.

Assim, como Osakabe (1999, p.60) relata, “a distinção entre um ato de *persuadir* e um ato de *convencer* só pode ser feita se pensada numa distinção de contexto e não apenas uma distinção entre os meios de conduzir o ouvinte aceitação de determinada posição”. Dessa forma, o autor elucida que o contexto em que a sociedade está interfere na aceitação de determinados discursos como verdade ou não.

Bolsonaro usa seu poder para influenciar a sociedade a não acreditar nos meios de comunicação. E assim vamos para o terceiro fragmento do discurso do presidente.

Vera Magalhães, você que é mulher né, se eu falar qualquer coisa, vão dizer que eu tô agredindo as mulheres de todo o Brasil, você como jornalista, precisa ter um pouco mais de, se é que faria isso, um pouco mais de vergonha na cara, vamos assim dizer, e não fica buscando um furo jornalístico, e publicar o que vem pra cima de você. (FENAJ, 2020)

Neste caso, Bolsonaro mostra mais uma vez o seu desrespeito ao gênero e função de Vera Magalhães. O comportamento masculino machista se tornou costumeiro. Segundo Schwarcz (2019, p. 186), “a educação da população, nesse sentido, é também um passo importante, na medida em que a partir dela se pode evitar comportamentos ‘misóginos’ - de ódio, desprezo ou preconceito contra mulheres, independentemente da faixa etária, raça ou região”.

Em relação a AD, as enunciações têm raízes, desde a sua formação até as palavras proferidas. Assim os trechos têm ligações uns com os outros. Então, Bolsonaro profere palavras preconceituosas, mas não foi o único, tiveram muitos antes, o que confirma que as palavras têm um passado sócio-histórico. Como explica Orlandi (2005, p. 17), “conseqüentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre a língua e a ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”.

Nesse sentido, Schwarcz (2019, p. 186) destaca que:

A misoginia se manifesta de muitas formas, que vão desde a exclusão social até a violência de gênero. Ela aparece retratada igualmente na antiga formação patriarcal de nossa sociedade, a qual carrega até a atualidade, a certeza do privilégio masculino, a banalização da violência contra mulher e a tentativa de sua objetificação sexual. Essas são raízes compactas do nosso autoritarismo que sempre trouxe consigo uma notória correlação com a questão de gênero.

As palavras são carregadas de sentidos e mostram como Bolsonaro tem referências e discursos misóginos e preconceituosos. O mandatário diminui a mulher jornalista, tentando menosprezar o gênero e dessa forma ele ataca não só as mulheres, mas as usa para também atacar toda a classe jornalística e os meios de comunicação. Isso se relaciona com o que diz Gregolin (2003), sobre o discurso do indivíduo estar inserido na história. Com isso, segundo a autora, a interpretação traz vestígios, que envolvem os sentidos dentro de um discurso. E são esses vestígios do preconceito, tanto em relação à mulher quanto dos próprios

veículos de comunicação que Bolsonaro toma como seus inimigos. Mas também fala de si mesmo em relação ao seu governo, na medida em que a imprensa não deixa de noticiar suas ações.

O jornalismo, como menciona Borelli (2005), tem como essência a técnica de registro e de veiculação da realidade, ainda que tenha alguns adversários, como exposto por Pereira Junior (2006), como a dificuldade de ouvir todos os lados envolvidos, editar e muitas vezes mostrar partes da realidade, pois a realidade é impossível de atingir.

Trazemos o que Pereira Junior (2006) destacou que isso demonstra uma vulnerabilidade do sistema de informação, como um teto de vidro que pode quebrar entre os poderes econômicos e políticos. E é exatamente nessa vulnerabilidade que Bolsonaro se apegava para atacar a imprensa.

No trecho *“afinal de contas né, a imprensa que não atrapalha recebe dinheiro do governo do estado”*, Bolsonaro traz um discurso carregado de efeitos de sentido, na medida em que o mandatário assume que o dinheiro do governo vai para os veículos que falam bem dele, mas quem faz jornalismo profissional, aquele que tem como base informar, não recebe.

4.4 Caso Maju Coutinho

O quarto caso a ser verificado ocorreu em 27 de agosto de 2020, durante uma live no YouTube, onde o presidente continua a depreciar a imprensa e faz ataques a Maju Coutinho, atualmente apresentadora do programa Fantástico, da Rede Globo, mas na época apresentava o Jornal Hoje. No discurso, Bolsonaro cita a jornalista, que, além de mulher, é negra, o que desencadeou em ataques virtuais à jornalista.

Não vou falar da manipulação da Globo aqui, mais uma né, questão quando nós fizemos aquele evento com mais de 100 médicos, e havia combinado com os médicos que eles pediriam um minuto de silêncio, aí a Maju falou que ‘O presidente, não sei o que, não se solidarizou com as vítimas’, como se a Globo tivesse preocupada com a vida do próximo né [...] Impressionante, eles ficam procurando pelo ovo né, pegam uma frase minha aqui, e vai pra manchete amanhã, vai pro Jornal Nacional (FENAJ, 2020).

O mandatário faz ataques à profissional e também à emissora, já que o veículo não deixa de noticiar os fatos de seu governo. A Globo não apoiar o presidente é um efeito de sentido no discurso de Bolsonaro. Segundo Colombo (1998), a essência do jornalismo é retratar os fatos e quem doa e quem doer. Vale ressaltar que antes de se candidatar à presidência,

Bolsonaro foi deputado federal por sete mandatos, ou seja, 27 anos de carreira política e não tinha destaque na mídia. E a não presença na imprensa pode ter como efeito de sentido um rancor, uma mágoa, que ele agora coloca para fora atacando.

Neste caso, o presidente frisa que o meio de comunicação não foi solidário com as vítimas e citou a jornalista. Na AD, os efeitos de sentido causados no presidente é que os outros são o que ele próprio é. Um bom exemplo disso é o tratamento dado por ele à pandemia. A desacredibilização de Bolsonaro com a emissora é constante, mas isso acarretou em um linchamento virtual a Maju Coutinho, mulher e negra. Novamente, fica implícito que citar mulheres jornalistas faz parte de sua estratégia de atacar o que ele entende como o lado mais fraco na sociedade machista, assim como fica demonstrado o racismo estrutural a que se refere Schwarcz (2019). Ou seja, trata-se de um duplo preconceito, pois Ribeiro (2005) comentou a dificuldade de ser mulher negra na televisão.

A jornalista ficou entre os assuntos mais comentados do Twitter depois que um grupo de seguidores de Jair Bolsonaro começou a tecer críticas e subir hashtag #MajuMentirosa. O ataque foi em agosto de 2020, logo depois que o presidente compartilhou um vídeo da apresentadora do Jornal Hoje dizendo que, em reunião sobre a Covid-19, as autoridades do governo presentes não prestaram homenagem às vítimas e familiares. Ou seja, a estratégia discursiva é a mesma: o presidente critica o que ele próprio faz. Isso porque, sabe-se do negacionismo do governo em relação à pandemia.

Mello (2020, p. 86) destaca que “não fui a primeira e não serei a última mulher a sofrer ataques misóginos por fazer jornalismo no Brasil”. Isso quer dizer que as ações e falas do presidente dão um sinal verde a seus apoiadores a fazerem o mesmo. Muitas das ofensas se amplificam, pois, de acordo com Orlandi (2005), a Análise do Discurso mostra como objetos simbólicos reproduzem os sentidos, intervindo na realidade dos enunciados. Cada palavra, por mais simples que seja, já está carregada de sentidos, por mais que não tenhamos noção disso.

Dessa forma, a AD mostra como os discursos de Bolsonaro são carregados de sentidos e usa seu poder como presidente da República para atacar o que não é certo, pela sua concepção. Podemos relacionar essa questão, com o que foi visto na seção *Efeitos de Sentido* deste trabalho, que a ideologia, de acordo com a AD, está sempre presente no discurso. Segundo Brandão (2004), o ser humano cria signos como uma forma de representar sua realidade. A ideologia é representada pelas vivências. Com isso, Bolsonaro retrata a sua realidade e as suas convicções em seu discurso, sendo materializado em palavras. Mas

Bolsonaro também mostra como a ideologia está relacionada a sua classe social, destacando os desejos de seu grupo. Dessa forma, a ideologia produz sentidos.

Mello (2020, p. 92-93) mostra alguns dos motivos pelos quais as mulheres são as vítimas preferidas do mandatário ao dizer que, “à diferença de nossos colegas homens, é muito mais corriqueiro termos dados pessoais expostos na internet, sofremos comentários jocosos sobre nosso aspecto físico, ofensas a nossa honra e ameaças on-line que muitas vezes migram para o mundo real”.

Por mais que os jornalistas em geral sofram uma represália por parte do presidente, as que mais são ofendidas são as mulheres, por serem nomeadas, diferente de outros discursos em que o presidente identifica os veículos, mas raramente o nome de jornalistas homens. Como destaca Orlandi (2005, p.38), “todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia”. Assim, a ideologia machista e preconceituosa está amplamente materializada nos trechos escolhidos para análise. E mais do que isso, ele utiliza as profissionais do jornalismo para se voltar contra a imprensa de modo geral.

5. Considerações Finais

Neste trabalho percebemos como as mulheres jornalistas são violentadas pelas palavras proferidas por Jair Bolsonaro. A pesquisa mostra que o presidente usa as mulheres jornalistas como alvo de retaliação por considerá-las o elo mais frágil de acordo com cultura machista e preconceituosa, tentando, desse modo, intimidar os veículos de comunicação de modo geral. A proposta deste estudo, ainda em fase introdutória, foi compreender onde começa e termina a liberdade de expressão nas redes sociais, mostrando como o mundo digital pode afetar as pessoas, já que é nesse espaço que o presidente se manifesta na maioria das vezes.

Mostramos ao longo desta pesquisa que Jair Bolsonaro não é a favor da comunicação e dos veículos de imprensa e ataca jornalistas, principalmente mulheres, refletindo um discurso conservador, próprio da sociedade machista e patriarcal em que vivemos, apesar de alguns avanços, considerando a nossa história.

Através da Análise do Discurso foi destacado como o político usa sua força e seu discurso para fazer um ataque disfarçado de opinião. A AD busca trazer a origem dessas falas,

mostrando o que está subentendido. Com os discursos observados neste trabalho, destaca-se o reforço à manutenção dos velhos padrões políticos. Bolsonaro ataca, principalmente, a reputação, a credibilidade e a honra de uma jornalista e de uma mulher. E, ao fazer isso, estende à imprensa em geral, pelo menos em relação àqueles veículos que ele considera que não o apoiam, por noticiar fatos que ele próprio gostaria de esconder. Para ele, a imprensa faz seu trabalho profissional quando o elogia. Mas o jornalismo não é assim, como bem destacam Colombo (1998) e Pereira Junior (2006).

Para esses autores, o jornalismo é um informante da sociedade, que tem como função servir de mediador e intérprete de fatos. Ainda que Pereira Junior (2006) critique que o jornalismo constrói a realidade dos acontecimentos, apurando os fatos, mas fazendo escolhas que acabam por trazer os relatos subjetivos, a partir de sua própria cultura e vivências. Mas, como foi mencionado, o jornalismo é um serviço público de informação, assim como o presidente é um servidor público, eleito para conduzir o país e melhorar a vida das pessoas. Por isso mesmo, deve prestar contas de seus feitos à sociedade. E uma das formas de fazer isso é através de uma imprensa livre e democrática.

Em relação à AD, quando pensamos em palavras, automaticamente acionamos a memória e a historicidade. E a Análise do Discurso estuda como uma palavra pode ter vários sentidos e ser interpretada de inúmeras maneiras, verificando a linguagem, analisando textos e as ideologias que os produzem. Orlandi (2005) explica que o discurso se transforma de acordo com as posições dos que a empregam.

A AD é o campo que estuda o intermédio entre o homem e a sua realidade natural e social, ou seja, as suas particularidades como ser humano e as suas vivências em sociedade. Dessa forma, cada palavra tem um sentido, ou seja, o discurso do indivíduo está cheio de significados, mesmo inconscientemente. Isso é posto por Orlandi (2005) quando a autora trata da compreensão da linguagem como trabalho simbólico, na medida em que o discurso constitui o homem e sua história. A mesma autora expõe que os sentidos não são conteúdos, mas indícios de efeitos de sentido. E isso pode ser apontado na análise em diversos trechos em que o presidente toma para si mesmo muitos dos ataques que faz aos outros, nesse caso, à imprensa. Mostramos na análise que o presidente ataca para se defender.

A AD e o discurso político mostram como o que é dito é carregado pela história e pelas emoções, mas o principal objetivo é cativar o público. O objetivo final de um discurso político são os votos contabilizados nas urnas no final das eleições. Quando o ser humano

sabe ler e interpretar, sabe o que cada palavra significa. Com isso, o jornalismo é de extrema importância para que as pessoas compreendam o mundo ao seu redor.

A presente pesquisa destaca as jornalistas citadas pelo presidente em suas tradicionais lives: Patrícia Campos de Mello, Vera Magalhães, Eliane Cantanhêde e Maju Coutinho. Todas sofreram ameaças e outras formas de coação. Assim, o estudo apresenta as situações e relata como o presidente transformou a classe jornalística em sua inimiga, o que não é condizente com a posição ocupada por ele, pois é sua responsabilidade seguir a Constituição, que prega uma imprensa livre e sem censura. Isso posto, podemos inferir, apenas através dos trechos analisados, que Bolsonaro é contra a imprensa livre e democrática.

A pesquisa, portanto, reafirma que Jair Bolsonaro usa as mulheres jornalistas como alvo de retaliação por considerá-las o elo mais frágil do jornalismo, tentando, desse modo, intimidar os veículos de comunicação de modo geral.

Podemos acrescentar que, como forma de retaliação, Bolsonaro ameaçou retirar a publicidade dos meios de comunicação que ele considerava inimigos, cumprindo a ameaça no seu primeiro ano de mandato. Mello (2020, p. 170-171) detalha que um “relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) revelou que o governo passou a destinar os maiores percentuais de verba publicitária para TV Record e o SBT - emissoras consideradas aliadas ao Planalto, mas que não são líderes de audiência”.

Assim, todos os discursos proferidos pelo mandatário são ideologicamente marcados por enunciações já ditas. Segundo Orlandi (2005), quando nascemos muitos dos discursos já estão prontos, mas os sentidos mudam ao percorrer do tempo, e nem tudo que era aceito antes tem o mesmo sentido hoje. E a mesma autora confirma que o discurso não é neutro, mas lugar privilegiado para a manifestação da ideologia, como demonstrado nesta pesquisa.

Ressalta-se que o uso da teoria da AD de orientação francesa é uma perspectiva para se analisar o discurso do atual presidente da República, reafirmando aquilo que ele já apresentava enquanto político e mesmo durante a campanha de 2018. O trabalho do analista não termina e outras perspectivas teóricas podem ser adotadas em futuras pesquisas.

Referências

BERNARDES, Fátima. Apresentadora do Jornal Nacional. In: HABIB, Lia (entrevista). **Jornalista: profissão mulher**. 1ª ed. São Paulo, SP. Sapienza Editora, 2005. P. 83-89.

BORELLI, Viviane. **Jornalismo como atividade produtora de sentidos**. Online. 2005. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane-jornalismo-atividade-sentidos.pdf>. Acesso em: 10 de Out. de 2021.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. rev. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

CANTANHÊDE, Eliane. Colunista da Folha de S. Paulo e Folha Online. In: HABIB, Lia (entrevista). **Jornalista: profissão mulher**. 1ª ed. São Paulo, SP. Sapienza Editora, 2005. P. 75-79.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.

COLOMBO, Furio. **Conhecer o jornalismo hoje: como se faz a informação**. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

COSTA, Ana Alice Alcantara. **O movimento feminista no brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. Online. 2005. Disponível em <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/31137/18227>. Acesso em 12 de Out. de 2021.

FENAJ. **Linha do tempo 2020**. Online. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/10/LINHA-DO-TEMPO-2020-jan-set.pdf>. Acesso em: 10 de Set. de 2021.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias**. 2ª ed. São Carlos, SP. Claraluz, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 1ª ed. Campinas, SP. Pontes, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Sentidos, sujeito e memória: com o que nossa vã autora?. In: GREGOLIN, Maria do Rosário, BARONAS, Roberto (Org). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. 2ª ed. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2003. P. 47-58.

HABIB, Lia. **Jornalista: profissão mulher**. 1ª ed. São Paulo, SP. Sapienza Editora, 2005.

JUNG, Roberto Rossi. **A gaúcha Maria Josefa, primeira jornalista brasileira**. Porto Alegre, RS. Martins Livreiro, 2004.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

KOZLOWSKI, Glenda. Globo Esporte. In: HABIB, Lia (entrevista). **Jornalista: profissão mulher**. 1ª ed. São Paulo, SP. Sapienza Editora, 2005. P. 93-99.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. 1ª ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2020.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática**. 1ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

OSAKABE, Haquira. **Argumentação e discurso político**. 2ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

PARDI, Célia. Editora. In: HABIB, Lia (entrevista). **Jornalista: profissão mulher**. 1ª ed. São Paulo, SP: Sapienza Editora, 2005. P. 43-47.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Elementos para uma Análise de Discurso político**. In: Barbarói: revista do Departamento de Ciências Humanas e do Departamento de Psicologia. Santa Cruz do Sul, RS. N. 24 (jan./jun. 2006), p. 78-109. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21703>>. Acesso em 10 de Nov. de 2021.

POSSENTI, Sírio. Ainda sobre a noção de efeitos de sentido. In: GREGOLIN, Maria do Rosário, BARONAS, Roberto (Org). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. 2ª ed. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2003. P. 37-46.

RIBEIRO, Joyce. Record Internacional. In: HABIB, Lia (entrevista). **Jornalista: profissão mulher**. 1ª ed. São Paulo, SP: Sapienza Editora, 2005. P. 119-123.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1ª ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

SEABRA, Cecília. **Jornalismo, democracia e afetos: ódio, medo e ressentimento no primeiro ano do Governo Bolsonaro**. Revista ComPolis, Rio de Janeiro, volume 1, número 1. p. 84-112, fev./maio de 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/43859831/84_JORNALISMO_DEMOCRACIA_E_AFETOS_%C3%93DIO_MEDO_E_RESENTIMENTO_NO_PRIMEIRO_ANO_DO_GOVERNO_BOLSONARO>. Acesso em: 25 de Out.de 2021.

TOLENTINO, Marcos Vinicius de Farias. **O discurso de Bolsonaro sobre a imprensa no twitter: Análise de Discurso dos Ataques à Imprensa Feitos pelo Presidente**. Online. 2019. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/211937>>. Acesso em 9 de nov. de 2021